

CONTAR, LER E BRINCAR: A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO E DA LEITURA DE HISTÓRIAS ALIADAS AO LÚDICO COMO AGENTES TRANSFORMADORES DA ROTINA HOSPITALAR

Liège Maria Martins Knoche

Resumo: Relato de experiência das atividades de incentivo à leitura desenvolvidas com crianças e adolescentes da Unidade de Onco-Hematologia do Hospital Infantil Joana de Gusmão, Florianópolis, SC. O trabalho refere-se à importância do Contar histórias, do Ler histórias e do Brincar como agentes transformadores da rotina hospitalar, valendo-se do literário como catarse para amenizar momentos de frustração, ansiedade, medo, depressão entre outros fatores desgastantes resultantes de uma internação, bem como do lúdico para transpor tais momentos. Descreve o essencial desempenho do agente promotor da leitura, enquanto acadêmico ou profissional do curso de Biblioteconomia, de realizar atividades de cunho social e cultural em ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Promoção da leitura. Contação de histórias. Leitura Infantil. Ludicidade.

1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o ato de ler ou ouvir histórias possui função terapêutica, pois é por meio da fruição literária e contos, que os indivíduos podem adquirir o entendimento acerca de valores, do mundo, dos outros, bem como a si próprios. A leitura liberta, estimula o imaginário, auxilia em novas descobertas, agrega conhecimentos, amplia horizontes, desenvolve o raciocínio lógico, amplia o vocabulário e a capacidade de comunicação, entre tantos outros fatores benéficos.

Para Manguel (1997, p.36):

As palavras escritas, desde os tempos das primeiras tabuletas sumérias, destinavam-se a ser pronunciadas em voz alta, uma vez que os signos traziam implícito, como se fosse alma, um som particular. A frase clássica *Scripta manent, verba volant* – que veio a significar, em nossa época, ” a escrita fica as palavras voam”- costumava expressar exatamente o contrário:foi cunhada como elogio à palavra dita em voz alta, que tem asas e pode voar; em comparação com a palavra silenciosa na página, que está parada, morta.Diante de um texto escrito, o leitor tem o dever de emprestar voz às letras silenciosas, a scripta, e permitir que elas se tornem, na delicada distinção bíblica, verba, palavras faladas -espírito.As línguas primordiais da Bíblia- aramaico e hebreu- não fazem diferença entre o ato de ler e o ato de falar;dão a ambos o mesmo nome.

Importante ressaltar que ambas as práticas, contação de histórias e leitura em voz alta de histórias, embora diferentes entre si, constituem-se em elementos contribuintes ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Porém, antes mesmo do advento da escrita, a prática da transmissão oral era a única utilizada. Portanto, para a contação ou “Contos da Tradição Oral”, no qual histórias eram contadas e repassadas de geração a geração por meio da narração, ao contador de histórias era possível realizar adaptações nos textos lidos, com intuito de aproximá-las de seu público ouvinte, tornando-as assim mais atraentes, método esse empregado até os dias atuais, com os devidos cuidados para que não seja modificado o teor da narrativa. Dentre outros artifícios para encantar o público, a manipulação de objetos ou fantoches também são utilizados, sendo a música e o teatro, outros dos recursos frequentes, como meio de introduzir a arte à história contada.

Nesse cenário imaginário, o mediador da palavra escrita, exerce importante papel, pois é ele quem vai efetuar a intermediação entre o livro e o ouvinte, ou no caso do contador de histórias, entre a narração e o ouvinte. O contador de histórias ou o leitor de histórias pode ser o responsável em suscitar o gosto pela leitura em seus ouvintes, ele desenvolve e aprimora nessas atividades o olhar, o escutar, a beleza estética e os mais variados sentimentos e emoções.

Portanto, ao levar o objeto livro, o agente promotor da leitura, no caso o acadêmico ou profissional do curso de Biblioteconomia, estará cumprindo seu papel como disseminador do conhecimento.

Contudo, o quesito prioritário ao qual o mediador precisa ater-se é o do gosto pela leitura, sem esta *priori* fica impossível realizar um bom trabalho. Aliado a isso, o exercício consecutivo de leituras e performances são igualmente importantes, assim como o desenvolvimento de técnicas específicas.

Mas, se o contar e o ler histórias são ações importantes, o ato de brincar também o é, pois mediante atividades lúdicas, crianças e adolescentes enfrentam e expressam melhor seus medos e conflitos, estimulam a curiosidade e aprendizagem, exercitam sua capacidade de criação, compreensão da realidade, entre outros fatores, além de vivenciarem momentos de prazer e integração com outros participantes. “A brincadeira e o riso que a acompanha são grandes remédios dentro de um hospital.” (ADAMS, 1999, p.120)

Existem diversas teorias elaboradas sobre a ludicidade que objetivam compreender e significar o brincar.

Winnicott (1975, p.89) explica que:

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu (*self*).

Desse modo, o lúdico torna-se indispensável no desenvolvimento das atividades, pois o ato de brincar ajuda no enfrentamento da internação e da própria doença.

Seitz (2008) observa que:

Observa-se que os hospitais, na sua maioria, não oferecem nenhuma atividade e lazer aos seus pacientes. Desse modo, os pacientes ficam horas e horas inertes no leito olhando para o teto, mergulhados na sua dor, em seus pensamentos e preocupações. Por isso, deve-se proporcionar a esses pacientes algum tipo de lazer, respeitando as condições e preferências de cada um.

Adams (1999, p.120) afirma que:

Estudos mostram que o riso alivia a dor, diminui a tensão e estimula o sistema imunológico. Tente lembrar-se de histórias divertidas vividas em comum e conte-as da forma mais engraçada que puder. [...] A intenção é fazer com que o olho brilhe e o espírito sorria [...].

Assim sendo, no intuito de promover a leitura e a ludicidade, reforçando sentimentos de alegria e descontração para crianças e adolescentes internos na Unidade de Onco-Hematologia do Hospital Infantil Joana de Gusmão, foram realizadas sessões de contação e leitura em voz alta de histórias, bem como atividades lúdicas, por intermédio da acadêmica Liège Knoche do curso de Biblioteconomia da UDESC. As atividades ocorreram no período de maio de 2009 até julho de 2011, (exceto os meses de janeiro e fevereiro), com a frequência de uma vez por semana, com a duração de aproximadamente 3 horas por encontro, sendo que muitas vezes esse tempo foi ultrapassado.

2 JUSTIFICATIVA

A acadêmica atua na Unidade de Onco-Hematologia desde 2003, e faz parte do voluntariado da Associação de Voluntários da Saúde - AVOS, a qual está inserida no organograma do Hospital Infantil Joana de Gusmão. O Trabalho de contação de histórias e leituras que começou gradativamente, foi construído no início de maneira autodidata pela acadêmica. A utilização dos materiais para as ações do contar e do ler histórias se deu por meio de consultas em sua biblioteca particular, acervo de amigos, aquisição de obras em livrarias, empréstimos em bibliotecas, pesquisas na internet, leituras de livros específicos sobre a importância da leitura e seus benefícios, bem como consultas com profissionais das áreas da psicologia, pedagogia, musicoterapia, entre outros.

O objetivo deste trabalho, primeiramente era o de contribuir com uma causa social, propiciando por meio da ludicidade, alegria, descontração e carinho para com os pacientes do ambiente hospitalar, com intuito de amenizar o tempo difícil em que crianças e adolescentes estivessem internados.

Segundo Adams (1999, p.11):

Os pacientes falam da importância do amor, do humor e da alegria para a transformação de sua experiência hospitalar. Receber solidariedade e ser mimado (tratado com atenção) faz toda a diferença. [...] As qualidades que ouvi descritas como a “força da visita de um amigo” também se aplicam aos profissionais de saúde.

Em 2009 a voluntária ingressou no curso de Biblioteconomia-Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, a partir de então foi possível obter maior conhecimento em relação à contação de histórias e sobre técnicas de leitura em voz

alta. Nesse mesmo ano, a acadêmica realizou uma oficina sobre o esse assunto e no ano seguinte mais três oficinas relacionadas ao tema contação e leitura para crianças. Cursou a disciplina de Biblioterapia na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, entre outras atividades ligadas ao fomento à leitura. Foi possível então aliar toda a técnica aprendida à prática já desenvolvida na Unidade de Onco-Hematologia do hospital, o que contribuiu para o desenvolvimento do seu trabalho.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar os aspectos benéficos das atividades de contação e leitura em voz alta de histórias, aliadas ao lúdico, bem como reconhecer problemas que possam surgir e encontrar soluções que visem o aprimoramento das atividades.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Realizar atividades de contação e leitura de histórias em voz alta para crianças das mais variadas idades na Unidade de Onco-Hematologia do Hospital Infantil Joana de Gusmão;
- b) Compreender *in loco* a importância do contar histórias, do ler histórias e da influência do ato de brincar no tratamento para crianças da Unidade de Onco-Hematologia;
- c) Pesquisar literatura específica para a realização das atividades;
- d) Consultar profissionais de outras áreas, como psicologia, pedagogia, arte terapeutas, bibliotecários, entre outros, no intuito de aplicar metodologias que venham contribuir para o desenvolvimento das atividades de contação de histórias e leitura de histórias em voz alta aliadas ao lúdico.

4 HOSPITAL INFANTIL JOANA DE GUSMÃO E A UNIDADE DE ONCO-HEMATOLOGIA

O Hospital Infantil Joana de Gusmão foi inaugurado em março de 1979 e ativado em 28 de dezembro do mesmo ano, está vinculado à Secretaria Estadual da Saúde, e tem por excelência o atendimento a crianças e adolescentes dos 0 aos 15 anos e 11 meses de idade, oferecendo assistência gratuita, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), para pacientes provenientes do Estado de Santa Catarina. Todos os pacientes internados têm direito a um acompanhante. Para acompanhantes que não possam pernoitar, como no caso da UTI, Quimioterapia, e Berçário, existe uma Casa de Apoio próxima ao hospital para atendê-los, contando com 30 leitos, dividida em ala feminina e masculina, além de banheiros e cozinha. Atualmente está em construção uma nova Casa de Apoio (Vovó Gertrudes), com previsão de inauguração para o final do ano de 2012.

O Hospital é hoje o maior centro especializado e de referência no tratamento de câncer infanto juvenil no Estado. A Unidade de Onco-Hematologia possui 01 enfermeira chefe, 02 enfermeiras, 23 técnicos em enfermagem, 03 médicos residentes. A unidade também dispõe de 15 leitos, sendo 03 deles individuais localizados na ala do isolamento, os restantes distribuídos em 03 quartos com 04 leitos cada, o que muitas das vezes é insuficiente em relação à demanda.

Quanto ao câncer infantil, pode-se dizer que esta é uma doença que traz consigo um estigma de final da vida, desestabilizando emocionalmente e fisicamente não só pacientes, mas também familiares e/ou responsáveis, sendo o estresse, a ansiedade e muitas vezes a depressão presenças constantes.

5 METODOLOGIA

O presente relato de experiência utilizou-se da pesquisa de campo, bem como pesquisa bibliográfica (1975-2012) ,incluindo filme, livros e periódicos científicos relacionados ao tema abordado, além da coleta de dados ser realizada mediante a observação assistemática dos participantes, deixando-os livres para assim expressar seus sentimentos.

A intenção foi de realizar sessões de contação de histórias e leituras em voz alta de histórias aliadas ao lúdico, para crianças e adolescentes das mais variadas idades, internados na Unidade de Onco-Hematologia do Hospital Infantil Joana de Gusmão, uma vez por semana, durante o ano de 2009 e 2011, objetivando identificar os aspectos benéficos destas atividades, selecionando livros infantis de qualidade, pesquisados juntos aos profissionais de outras áreas, além de aquisição em livrarias e consultas em bibliotecas. Reconhecendo problemas e encontrando possíveis soluções, visando o aprimoramento das atividades. Observando o comportamento e reação das crianças frente ao universo da contação de histórias, leitura de histórias e da importância do lúdico.

6 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Em março de 2009 o objetivo do trabalho realizado na Unidade de Onco-Hematologia do Hospital Infantil Joana de Gusmão, se solidificou. Pois valendo-se da contação de histórias , leituras em voz alta, brincadeiras e risos (os quais possuem valor terapêutico) foi possível proporcionar um momento lúdico no qual crianças e adolescentes internados puderam, além de ampliar seu universo cultural e formação como leitores, sobrepor momentos de angústia, ansiedade, medo, adaptação e solidão.Reduzindo seus níveis de estresse, contribuindo com a auto-estima, recuperando e

melhorando a saúde , o estado psíquico-emocional , as relações familiares e com a equipe hospitalar.

Muitos são os estudos acerca do real valor de boas risadas.
Para Funes (2001, p.34),

O riso é também uma forma de lidarmos com o que não conseguimos explicar, pois ele nos possibilita o distanciamento temporário de um evento sobre o qual não temos controle, lidar com ele e depois continuar saudável com nossas vidas. (...). Em suma, o riso nos fornece uma libertação catártica, uma purificação de emoções e uma libertação da tensão emocional.

Caldin (2002) reforça que:

Não se pode esquecer, também, a finalidade terapêutica do riso, da identificação, da introjeção e da projeção, destacadas por Freud (197-?) [...]. Vale lembrar que o pai da psicanálise atribuiu ao humor a capacidade de transformar o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer.

Os Doutores da Alegria são atores profissionais que fazem parte de uma organização artística do terceiro setor e levam alegria, humor e brincadeiras ao ambiente hospitalar por meio da arte do palhaço, pois, acreditam que: “Por traz de toda criança doente no hospital, existe uma essência saudável que quer brincar.” (Doutores da Alegria – O Filme, 2005)

Portanto, para a preparação da contação e/ou leitura, muitos são os critérios a serem observados,

Sisto (2001, p.35) afirma que,

É pensando na duração do evento, nos tipos de contos, no local, que se percebe toda a dimensão do trabalho. Uma história tem que durar o tempo da liberdade do

ouvinte de ser co-autor da história narrada, recebendo a experiência viva e criando na imaginação o que foi apenas sugerido pelo narrador.

Para Barcelos e Neves (1995, p.28),

O tempo despendido na Hora do Conto, particularmente na etapa da narração, deve ser controlado, de forma que esta não fique tão curta que deixe, nos ouvintes, uma sensação de falta, nem tão longa que permita que as crianças percam o interesse no decorrer da narrativa.

No Hospital Infantil, na Unidade de Onco-Hematologia, procurou-se ater para a idade, nível de conhecimento e condições de saúde da criança em tratamento do câncer. Para isso, optou-se preferencialmente por livros com textos curtos e médios, para um público heterogêneo em relação a idades, com o propósito de não cansar as crianças, além de livros coloridos, interativos, somente com ilustrações, entre outros. Foram levados também alguns fantoches para a contação e o “Saco de Histórias”, que consiste em uma sacola de tecido repleta de objetos variados em seu interior, no qual um dos participantes, crianças, adolescentes, pais ou responsáveis retiram um objeto do interior da sacola (sem olhar, nem escolher) e criam uma história a partir do objeto retirado, passando a sacola para o próximo participante que acrescentará o seu objeto à história e assim sucessivamente. Dependendo do número de participantes, a sacola pode passar mais vezes de mão em mão, contudo a brincadeira encerra quando se esgotam os objetos. Importante salientar que todo o material utilizado sempre foi higienizado antes e depois do uso hospitalar.

O “Saco de Histórias” permitiu com que crianças juntamente com suas mães, tias e ou acompanhantes, aproveitassem um momento de descontração. A acadêmica observou durante a

brincadeira a alegria das crianças em poderem dar continuidade às histórias a partir de objetos inusitados. Foi curioso ver como os participantes associavam aos objetos suas experiências de vida. Em algumas das vezes em que os participantes, tanto crianças, quanto adultos, retiravam da sacola algum “vidrinho” ou “potinho”, imediatamente relacionavam-no a medicamentos, porém nas histórias criadas em conjunto sempre houve um “Final Feliz”. Essa foi uma atividade, que oportunizou o compartilhamento de diversas histórias divertidas para todos os participantes.

Adams (1999, p.40) afirma que:

Em todos os anos em que atuei como palhaço, fiquei abismado com o poder da curiosidade para aliviar o sofrimento. Levo um saco cheio de coisas para um paciente que está sofrendo e só o fato de ficar na expectativa para saber o que há dentro do saco alivia a sua dor.

Segundo Sisto (2001, p.31):

Quando se conta uma história começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal.

Para Abramovich (1997, p.17):

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia,direito,política, sociologia, antropologia, etc.Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Foram muitas as crianças e adolescentes atendidos nestes dois anos, contabilizando aproximadamente 1.000 atendimentos, contudo nem sempre a contação e ou leitura aconteceram, pois as mesmas só se realizavam caso os pacientes manifestassem interesse. Em algumas vezes os pequenos e adolescentes preferiam jogar, pintar, desenhar, brincar ou mesmo somente conversar. A liberdade foi sempre preservada.

As atividades propostas aconteceram semanalmente, às quartas-feiras, no horário das 14:00h às 17:00h ,na sala da recreação da unidade ou na sala da pedagogia hospitalar, neste caso quando eram mais crianças , as quais tinham permissão para deixarem seus respectivos leitos.Caso contrário, o atendimento era feito no próprio leito com a permissão do paciente ou responsável.Em outras vezes a atividade podia incluir todos os integrantes de um mesmo quarto, principalmente quando possuíam idades próximas, o que facilitava a integração.

Alguns pais ou acompanhantes gostavam de participar como ouvintes, outros aproveitavam para descansar um pouco, dando uma volta para “esticarem as pernas”, realizarem ligações importantes, falarem com médicos, buscarem exames, etc. Mediante excelente receptividade durante as atividades desenvolvidas na Unidade, foi possível constatar os benefícios propiciados a todos os envolvidos.

7 HISTÓRIAS

***Os nomes a seguir foram alterados para preservar a identidade dos pacientes.**

***MARCOS**

Em uma das visitas, depois de uma breve conversa com Marcos, de 6 anos, paciente da Unidade de Onco-Hematologia e deficiente visual em decorrência da doença, a acadêmica disse-lhe que dispunha de alguns livros para leitura se assim o menino desejasse, a resposta foi um entusiasmo: sim!.

Dentre os diversos livros que foram lidos para Marcos, o que mais chamou a atenção da criança, foi o da “Girafafá Girafafinha”. Marcos mostrou-se muito interessado nesta história, a qual tratava de uma girafinha filhote, que sonhava em ter um pescoço comprido como o de sua mãe para alcançar brotinhos nas árvores, então fazia amizade com um macaquinho que a ajudava. Virou a “História da Fafinha” para ele e a “História do Marcos” para a acadêmica.

Ele ficou internado por várias semanas e sempre que ouvia a voz da acadêmica, já começava a chamá-la e pedir histórias, mas a sua predileta nunca podia faltar. Certa tarde, em mais uma das visitas semanais, a avó de Marcos, que era a responsável pelo menino confidenciou à acadêmica que havia perguntado ao menino que dia era aquele e quem estava por vir? Marcos prontamente respondeu que era quarta-feira o dia em que a sua contadora vinha e contava a sua história favorita. Era incrível como o menino possuía noção de tempo.

A “vózinha” como era chamada por todos, pessoa simples e simpática, ficava entusiasmada de ver seu neto feliz e não sabia como agradecer por um momento tão especial, Era inegável a ligação entre Marcos e a acadêmica, e a leitura o grande elo. O convívio com esta criança deu-se por mais de um ano, e volta e meia ele internava novamente. Pouquíssimos foram os dias em que o menino recusou-se a ouvir histórias, por sentir-se indisposto, com dores ou irritado, mas quando isso acontecia, a “vózinha” e a acadêmica sabiam que era reação ao tratamento.

Felizmente o quadro de Marcos melhorou e ele não mais precisou ser internado. Provavelmente, assim como outras crianças,

deve ter dado continuidade ao tratamento no ambulatório de quimioterapia do Hospital Infantil.

*MARISA

Marisa era uma adolescente de 15 anos, que queria ser modelo. Gostava muito de ouvir histórias. Uma tarde quando a acadêmica chegou em seu quarto, a menina estava tentando realizar uma tarefa escolar sobre a 2ª Guerra e não parecia muito interessada. Então a acadêmica contou a ela a história da menina Anne Frank. Marisa ficou curiosa com a história e pediu para que na semana seguinte a acadêmica levasse um livro sobre a vida da menina Anne.

Na semana seguinte o acordo foi cumprido, um livro sobre a vida de Anne Frank, em versão infanto juvenil e com belíssimas ilustrações foi apresentado. Marisa agradeceu e disse que jamais esqueceria esta história. Depois de algum tempo ela veio a falecer.

*MATHEUS

Matheus, 9 anos, outro menino do interior de Santa Catarina, esperto, falante, engraçado, que gostava de ler gibis, ouvir histórias e jogar “Cara-a-Cara”. A história escolhida por ele foi o “Príncipe Cinderelo”, história divertida da versão de Cinderela. Foi sucesso imediato! Matheus deu muita risada e as outras crianças que também estavam no quarto riram junto. Até os acompanhantes adoraram a história.

Depois de tantas brincadeiras, Matheus confidenciou à acadêmica, que quando ele crescesse gostaria de ser um voluntário para poder ajudar outras crianças e fazer com que o tempo passasse rapidamente. Este sem dúvida, constitui-se de outro momento marcante para a acadêmica. Quanto ao menino, retornou à sua cidade e deu continuidade ao tratamento sem mais precisar internar. Espera-se que esteja bem.

*ANDRÉ

André, foi um menino que muito impressionou a acadêmica. Tinha 04 anos de idade, loirinho, miudinho, de pele bem alva, sentado na cama, sério, com um livrinho nas mãos e de óculos, parecia um personagem de filme. Quando a acadêmica aproximou-se com a sacola de livros, despertou a atenção imediata do menino. Então ele pediu para ver quais livros havia na sacola. Olhou livro por livro e escolheu o livro “Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela”. A acadêmica, leu para o menino, que adorou interagir com o livro, pois a cada página novas surpresas eram apresentadas.

Depois, André escolheu um dos seus livrinhos pessoais e leu para ela. A mãe de André disse que ele era um menino superdotado, que havia aprendido a ler sozinho e que esta era sua paixão. Era realmente impressionante a riqueza de vocabulário do pequeno leitor. Felizmente ele entrou em tratamento e não precisou mais ser internado.

*RICARDO

Ricardo, outro menino esperto. Tinha apenas 3 anos, carequinha pelo tratamento com quimioterapia, ele era um verdadeiro “foguetete”, não parava nunca, andava com seu equipamento de medicação portátil na sala de recreação de um lado para o outro. Neste dia a acadêmica reuniu algumas crianças, no total eram quatro, na sala de recreação da unidade e foi contar a história da “Casa Sonolenta”, as crianças adoraram. Então pediram mais uma, e a escolhida foi a do “Bicho Carpinteiro” da autora Sylvia Orthof. Depois disso, as outras crianças foram para seus quartos, porém Renato permaneceu, pois queria ficar com a acadêmica.

Então, Ricardo sugeriu um livrinho para ser lido, mas a leitura foi interrompida no meio por um: Tia a gente pode fazer uma coisa mais legal? Esta havia sido a pergunta mais “cruel” que uma

leitora poderia escutar, no entanto esta também é a diferença entre adultos e crianças: a temida sinceridade. A pergunta da acadêmica foi: O quê Ricardo? Ele nem piscou: Contar piada! Como a acadêmica não sabia nenhuma, o menino não intimidou-se e prontamente contou umas dez. E eram piadas tão descaradamente inventadas na hora que ele se contorcia de tanto rir, e a acadêmica ficou contagiada por tanta gargalhada.

Por tempos Ricardo não foi mais internado na Unidade de Onco-Hematologia, provavelmente ele esteja bem. Depois disso, a acadêmica comprou o livro: “Proibido para Maiores: as Melhores Piadas para Crianças”.

*ARIEL

Ariel, nome de anjo, foi outro menino que com apenas 05 anos surpreendeu com seu carisma. Quando a acadêmica chegou em seu quarto, ele era o único acordado e sozinho assistindo televisão, por algum motivo sua mãe não se encontrava naquele momento. Então, os dois começaram a conversar, Ariel queria saber o que poderiam fazer. Imediatamente foram apresentados livrinhos, os quais foram julgados adequados à sua idade. Foi lido o “Livro dos Gatinhos”, no qual o menino pediu para que fossem dado nomes aos gatinhos das ilustrações, e assim cada um escolhia um nome.

Após, ele pediu por outros livros e assim como um ‘mágico’, que retira da cartola ‘coelhos’, prontamente foram retirados da sacola, os livros: “Bom Dia, Marcos!” e “Mônica Dentuça”.

Depois de uns aproximadamente 40 minutos, contando, lendo e “criando” histórias juntos, a acadêmica precisou afastar-se para ir ao encontro de outras crianças, então deixou os livrinhos para Ariel convencendo-o a ficar uns instantes manuseando-os.

Porém, quando estava em outro quarto, a mãe de Gabriel foi ao encontro da acadêmica, para que ela retornasse ao quarto do menino para contar histórias. Diante de tal pedido, foi impossível

hesitar, e depois de atender a todas as crianças do quarto, a acadêmica retornou para o lado de Ariel e por lá permaneceu um bom tempo lendo histórias. Chegada a despedida, o menino de olhar vibrante perguntou: Tia, amanhã tu vem de novo?

As histórias acima mencionadas, fazem parte das muitas histórias vividas pela acadêmica, na Unidade de Onco-Hematologia. Com base nestas experiências, pode-se afirmar que a contação e leitura de histórias, bem como todo o trabalho lúdico realizado com crianças e adolescentes hospitalizados constituem-se em recursos viáveis frente aos problemas advindos de uma internação, como meio de apaziguamento de suas emoções diante de um complexo tratamento enfrentado, reforçando a visão positiva do ambiente hospitalar e dos profissionais da saúde, propiciando o bem estar geral aos pacientes e seus acompanhantes.

Segundo Caldin (2002):

Assim processa-se a catarse, ou seja, a pacificação das emoções. Esse apaziguamento das emoções foi ressaltado por Aristóteles (1966) ao analisar a tragédia e verificar que o prazer sentido pelo espectador frente a uma representação teatral dessa espécie literária proporcionava alívio das pressões da vida diária.

Portanto, se o paciente manifesta desejo de brincar, conversar, ouvir histórias ou simplesmente receber atenção, pode-se dizer que o trabalho realizado surte efeito positivo. O reconhecimento das atividades propostas pela acadêmica, foi o contentamento por meio de elogios recebidos pelos próprios pacientes, por mães, avós, pais, responsáveis, além da equipe de enfermagem ao trabalho desenvolvido na Unidade de Onco-Hematologia.

Para Sisto (2001, p.95):

Contar história é dialogar em várias direções: na da arte, na do outro, na nossa!

Os objetivos podem mudar-é recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é integrar-, podem se alterar, mas nunca acabar com o prazer de escutar!De participar!De criar junto!

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas no Hospital Infantil Joana de Gusmão, contaram com a mediação da acadêmica do curso de Biblioteconomia- Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, que motivada a princípio pelo interesse pessoal de contribuir na área social, teve a iniciativa de desenvolver atividades de cunho cultural, por meio da promoção da leitura aliada ao lúdico.

Durante as sessões de contação e leitura de histórias, o único e compreensível inconveniente que surgiu, foi quando em algumas das vezes a equipe de enfermagem precisou realizar intervenções necessárias, como no caso da administração de medicamentos ou outros procedimentos importantes para os pacientes.

Quanto à companhia de pais ou responsáveis dos pequenos durante as contações ou leituras, pouquíssimas foram às vezes em que estes interromperam as sessões, talvez a falta de familiaridade com o universo da leitura tenha contribuído. Por isso, a paciência e a compreensão foram indispensáveis para o desenvolver das ações em diversos momentos. Haja vista a complexidade do ambiente em que estavam inseridas crianças, adolescentes, pais, familiares e/ou responsáveis, bem como a equipe de enfermagem à qual também sofre desgaste psíquico-emocional da própria profissão.

Como a acadêmica, por ser voluntária da Associação de Voluntários da Saúde- AVOS desde 2003, já estava familiarizada com a rotina hospitalar, ou seja, o convívio com seringas, agulhas, soros, cateteres e a luta contra o câncer infanto-juvenil enfrentada na Unidade de Onco-Hematologia, nada disso representou empecilho

para que fossem realizadas sessões de contação, leitura de histórias e brincadeiras. Muito pelo contrário, a necessidade sentida em um ambiente hospitalar fez-se presente, por isso transpor estas barreiras e propor um ambiente mais acolhedor foi a solução mais acertada. O único sentimento que se fez presente foi o de profissionalismo, dedicação e carinho.

Este relato vem a comprovar a importância de serem realizadas contações, leituras em voz alta de histórias e brincadeiras em ambiente hospitalar, pois mediante esta experiência foi possível presenciar *in loco* a receptividade dos participantes, crianças, adolescentes, pais, familiares, responsáveis e profissionais da saúde, como enfermeiras, psicólogas e também professoras. Importante enfatizar que todas as crianças que estiveram presentes nas contações, leituras de histórias e brincadeiras, sempre assim o fizeram por livre e espontânea vontade, uma das premissas da acadêmica foi priorizar a liberdade de escolha.

Durante as histórias houve risos, gargalhadas, sustos, alegrias, e muita interatividade entre os participantes. Adultos que se encantaram juntamente com os pequenos, compartilhando efetivamente das brincadeiras propostas.

Assim, a contação e leitura em voz alta de histórias praticadas por agente promotor da leitura, ou no caso por profissional ou acadêmico do curso de Biblioteconomia, aliadas a brincadeiras, que são mais uma das possibilidades de entretenimento, podem proporcionar momentos de prazer, alegria e descontração ao bem-estar humano. Essas práticas culturais além de favorecer o extermar dos sentimentos e emoções, reforçam a identificação, o respeito para com o outro, libertam a imaginação e a criatividade, podendo transformar não tão somente o ouvinte, mas também o próprio agente responsável por tais ações. Sendo esta experiência para alguns fonte inesgotável de pesquisa e prática, traduzida em carinho, sensibilidade, cidadania e responsabilidade social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 4.ed.São Paulo: Scipione, 1997.174p.

ADAMS, Patch. *O amor é contagioso*. 3. ed. rad. Fabiana Colasanti. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.157p.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. *A Hora do Conto: da Fantasia ao Prazer de Ler*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1995.136p.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.440 p.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 14, out. 2002. Disponível em: <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br>>. Acesso em: 21 out. 2009.

COLE, Babette. *Príncipe Cinderelo*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.32p.

DOUTORES da Alegria – *O Filme*. Direção: Mara Mourão. Direção de Produção: Maurício Dias. São Paulo. Produtora: Mamo filmes e Grifa Mixer, 2005.1DVD (96min).

FUNES, Mariana. *O Poder do Riso: um antídoto contra a doença*. São Paulo: Ground, 2001.270p.

GAY, Marie Louise. *Bom dia, Marcos!*. Trad. Gilda de Aquino. São Paulo: Brique-Book, 2006. 28p.

GOUVEIA, Maria Helena. *Viva e deixe viver: História de quem conta histórias*. 2.ed. São Paulo: Globo, 2003. 177p.

HOLZWARTH, Werner. *Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela*. 2.ed. Trad. Dieter Heidemann e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia Das Letrinhas, 2009. 24p.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado de Santa. Hospital Infantil Joana de Gusmão. Disponível em: <<http://www.saude.sc.gov.br/hijg/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 408p.

ORTHOF, Silvia. *Os Bichos que tive* (memórias zoológicas). São Paulo: Salamandra, 1983. 40p.

PFLOOG, Jan. *O Livro dos gatinhos*. São Paulo: Melhoramentos, 5 ed. 1980.

POOLE, Josephine. *Anne Frank*. Trad. Ana Paula Faria. Lisboa (Portugal): Terramar, 2005

RENARD, Daniel. *Girafafá Girafafinha*. Coleção Bicho Falante. São Paulo: Seed, [199-]. 16p.

SEITZ, Eva Maria. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, *ETD-Educação Temática Digital* v. 9, n. 2, jun.

2008.<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000005022&dd1=24650>>. Acesso em 17 jan 2012.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: Argos, 2001. 136p.

SOUZA, Maurício. *Mônica Dentuça*. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Pedro Paulo de Sena Madureira (Coord.) Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 244p.

WOOD, Audrey. *A casa sonolenta*. São Paulo: Ática, 1993.

**TELL, READ AND PLAY: THE IMPORTANCE OF READING AND
TELLING STORIES ALLIED TO LUDIC AS TRANSFORMING AGENTS OF
THE HOSPITAL ROUTINE**

Abstract: *Experience report of activities developed to encourage reading with children and adolescents of Onco-Hematology Unit at the Hospital Infantil Joana de Gusmão, Florianópolis, SC. The work refers to the importance of storytelling, the Reading of stories and the Playing as agents of routine change in the hospital. making use of the literary as a catharsis to soothe moments of frustration, anxiety, fear, depression and other extenuating factors resulting from a hospital, as well the use of the playful to transpose such moments. It describes the essential performance of the reading promoter agent, meanwhile academic librarian or professional librarian, of fulfilling activities with social and cultural purpose within the hospital environment.*

Keywords: *Librarianship. Reading promotion. Storytelling. Children's reading. Playfulness.*

Liège Maria Martins Knoche

Graduanda em Biblioteconomia – Habilitação em Gestão da
Informação – UDESC

Florianópolis, Brasil (2012)

E-mail: liegeknoche@gmail.com

RECEBIDO: 30/08/2012

ACEITO: 21/09/2012